

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672594866>

## **Estudando Maurice, ouvindo gentes: Halbwachs para além da Escola Sociológica Francesa**

*Studying Maurice, Listening to People: Halbwachs Beyond the French Sociological School*

*Étudier Maurice, écouter les gens: Halbwachs au-delà de l'école sociologique française*

*Estudiar a Maurice, escuchar a la gente: Halbwachs más allá de la escuela sociológica francesa*

 **Maria Catarina Chitolina Zanini**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Resumo**

Este artigo, versão atualizada e ampliada de um paper apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, em 2009, objetiva refletir acerca de noções importantes na obra de Maurice Halbwachs (1877-1945) e seus possíveis usos em pesquisas na área da Antropologia. Entre elas, a perspectiva apontada pelo autor, inserido na Escola Sociológica Francesa, acerca da relação indivíduo e sociedade, suas dinâmicas e possibilidades analíticas. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, objetivou-se conhecer e apresentar elementos importantes inseridos nos escritos do autor, sempre desafiantes e ousados, pensando-se o período histórico e intelectual no qual publicou. Trata-se, principalmente, de salientar a riqueza da obra deste autor durante minha trajetória acadêmica, especialmente no trabalho de pesquisa com as memórias de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

**Palavras-chaves:** Maurice Halbwachs; memórias; teoria sociológica; identidade; quadros sociais.

**Abstract:** This article, an updated and expanded version of a paper presented at the XIV Brazilian Congress of Sociology in 2009, aims to reflect on important concepts in the work of Maurice Halbwachs (1877-1945) and their potential uses in anthropological research. Among these concepts is the perspective presented by the author, embedded in the French School of Sociology, on the relationship between the individual and society, its dynamics, and analytical possibilities. Through bibliographical and documentary research, the aim was to understand and present important elements embedded in the author's writings, always challenging and bold, considering the historical and intellectual period in which he published. The main aim is to highlight the richness of this author's work throughout my academic career, especially in my research on the memoirs of descendants of Italian immigrants in Rio Grande do Sul.

**Key-words:** Maurice Halbwachs; memoirs; sociological theory; identity; social frameworks.

**Résumé:** Cet article, version actualisée et enrichie d'une communication présentée au XIVe Congrès brésilien de sociologie en 2009, vise à réfléchir sur des concepts importants de l'œuvre de Maurice Halbwachs (1877-1945) et sur leurs applications potentielles en recherche anthropologique. Parmi ces concepts figure la perspective présentée par l'auteur, ancrée dans l'École française de sociologie, sur la relation entre l'individu et la société, sa dynamique et ses possibilités d'analyse. Par le biais de recherches bibliographiques et documentaires, l'objectif était de comprendre et de présenter des éléments importants ancrés dans les écrits de l'auteur, toujours ambitieux et audacieux, compte tenu de la période historique et intellectuelle de ses publications. L'objectif principal est de souligner la richesse de son travail tout au long de ma carrière universitaire, notamment dans mes recherches sur les mémoires de descendants d'immigrants italiens du Rio Grande do Sul.

**Mots-clés:** Maurice Halbwachs; mémoires; théorie sociologique; identité; cadres sociaux.

**Resumen:** Este artículo, una versión actualizada y ampliada de un trabajo presentado en el XIV Congreso Brasileño de Sociología en 2009, tiene como objetivo reflexionar sobre conceptos importantes en la obra de Maurice Halbwachs (1877-1945) y sus usos potenciales en la investigación antropológica. Entre estos conceptos está la perspectiva presentada por el autor, inserta en la Escuela Francesa de Sociología, sobre la relación entre el individuo y la sociedad, su dinámica y posibilidades analíticas. A través de la investigación bibliográfica y documental, el objetivo fue comprender y presentar elementos importantes insertos en los escritos del autor, siempre desafiantes y audaces, considerando el período histórico e intelectual en el que publicó. El objetivo principal es resaltar la riqueza de la obra de este autor a lo largo de mi carrera académica, especialmente en mi investigación sobre las memorias de descendientes de inmigrantes italianos en Rio Grande do Sul.

**Palabras clave:** Maurice Halbwachs; memorias; teoría sociológica; identidade; marcos sociales.

## Introdução

Este artigo é uma versão atualizada de um *paper* apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, que aconteceu de 28 a 31 de julho de 2009, no Rio de Janeiro (RJ), no Grupo de Trabalho Teoria Sociológica, com o título original de *Maurice Halbwachs: memórias, indivíduos e seus coletivos* (Zanini, 2009a). Naquele momento, eu pretendia enfatizar questões mais conceituais e teóricas da obra de Maurice Halbwachs (1877-1945). Ali, eu estava, ainda, envolta na utilização continuada de suas ideias, na produção de artigos e nas pesquisas sobre memórias decorrentes de minha pesquisa de doutoramento (defendida em 2002) e de projetos posteriores com descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul.

No presente artigo, trago algumas reflexões que lá estavam, contudo, inserindo experiências e observações advindas de pesquisas por mim desenvolvidas e/ou acompanhadas ao longo dos anos. Trata-se, portanto, de um olhar mais empírico, pessoal e reflexivo, advindo da temporalidade enquanto professora e pesquisadora que fez e faz muito uso das ideias de Halbwachs. Talvez hoje meu “uso” seja um pouco mais distanciado, mas não menos encantado. Além disso, os anos de ensino e pesquisa podem nos tornar mais sensíveis a valorizar a capacidade analítica que um autor como Halbwachs desperta nos alunos e, também, a aprender, com eles, a tecer críticas, partindo de seu uso em contextos contemporâneos.

Mesmo estando inserido no interior da Escola Sociológica Francesa, que privilegiava a ideia de que a sociedade produz o indivíduo, Halbwachs trouxe reflexões que apontam para uma maior sensibilidade acerca da importância dos trânsitos, das tensões e das negociações entre as questões individuais e coletivas. Afinal, para o autor, quem lembra é o indivíduo. Este, mesmo estando no interior de forças coletivas, memora naquilo que faz sentido para si. Considerando-se que a construção dos sentidos é sempre um processo coletivo para Halbwachs, devemos olhar para essa tensão com muita profundidade. Entretanto, no indivíduo, as possibilidades de narrar o passado e dele fazer uso são mais abertas do que poderia a Escola Sociológica Francesa idealmente desejar ou admitir. Como ressalta Myrian Sepúlveda dos Santos, para se compreender as teses de Halbwachs acerca da memória coletiva, faz-se necessário observar que sua teoria está vinculada (articulada) “a uma abordagem epistemológica que fazia do estudo da estrutura material dos grupos e populações seu ponto de partida” (2003, p.36). Assim, ele estava dentro da Escola Sociológica Francesa, mas também flertava com questões específicas advindas de sua formação e de seus interesses de pesquisa.

Uma das riquezas que mais valorizo na obra de Halbwachs são justamente as refinadas reflexões acerca do encontro entre as noções de indivíduo, sociedade (coletivo), tempo e espaço, entre outras. Aqui, falarei mais especificamente das ideias presentes na obra *A memória coletiva*, livro póstumo de 1950. O interesse em me debruçar mais detidamente,

mesmo que brevemente, em algumas ideias presentes nos escritos deste autor deveu-se ao encontro tardio que tive com as publicações de Halbwachs e ao forte impacto que suas ideias me causaram quando das primeiras leituras e reflexões sobre as questões ali postas. Poderia ressaltar que foi um encontro liminar entre concepções que eu possuía acerca de determinadas questões das Ciências Sociais, como a produção e a circulação das representações coletivas, das construções identitárias e dos pertencimentos, por exemplo. Não que sejam todas questões centrais na obra do autor, mas serviram-me de guia para reflexões naquele momento. Quanta profundidade e quanta capacidade de tornar a memória – força coletiva – num objeto fantástico de estudo! Foi ali que consegui compreender por que os descendentes de migrantes italianos da região central do Rio Grande do Sul recorriam ao passado para falarem de si mesmos. Por que guardavam objetos, pedaços de papel de seus antepassados? E como contavam a dor de ter que se desfazer destes ou escondê-los, como ocorreu durante o período de 1942 a 1945, quando o Brasil entrou em guerra contra a Itália. Era a II Guerra Mundial e os descendentes de imigrantes italianos no Brasil iam lutar contra a Itália – eram os “pracinhas”. Na região central do estado, temos muitos relatos interessantes de como se processou esta experiência no interior das famílias e na sociedade local. Tais narrativas sobre o passado me encantavam. Mas o que queriam de contar, de fato? Que força evocativa tinham na vida presente dos descendentes?

Além disso, a escrita do autor, nos textos inclusos na obra *A memória coletiva* especificamente, é portadora de um tom pessoal e reflexivo que me encantou enquanto leitora (e antropóloga). Hoje, particularmente, distanciei-me da ideia de representações coletivas, especialmente devido ao uso massivo desta e à criação de expectativas que, muitas vezes, não podemos atender. Essas expectativas frustradas podem desmerecer outras importantes questões que nossas pesquisas trazem, assim, optei por usar análises mais centradas nas práticas, nas narrativas e no sentido destas, e menos nas representações especificamente. Qual sentido as representações adquirem para os indivíduos? Como as utilizam? Como as praticam? De que modo elas circulam e se mantêm? Por quem e para quem? Nesse aspecto, estudar as memórias é muito gratificante. Se Maurice Halbwachs tivesse vivido em tempos de popularização de imagens, fotografias e arquivos que nos permitem memorar quase que continuadamente, como temos hoje, de que forma analisaria a produção de memórias? A internet, as redes virtuais e as novas tecnologias que nos permitem arquivar tudo e todos trouxeram mudanças nos processos de coerção do social sobre a relevância e hierarquia das lembranças? Como isso se processa? Como os indivíduos elegem, entre tantas possibilidades, o que arquivar? O que lembrar? O que descartar? Como narram o vivido, o pensado e o esquecido?

Durante a pandemia de covid-19, nos anos de 2020 e 2021, quando meus alunos orientados e eu tivemos que refazer nossas possibilidades de pesquisa, pois não podíamos estar presencialmente com as pessoas, esta nova forma de guardar momentos – por meio de arquivos digitais e virtuais, alguns deles, disponíveis a toda hora e em todo o lugar em que houvesse conexão – foi muito importante. Foi por meio desta necessidade de arquivar, guardar, registrar, classificar e organizar os momentos vividos que pudemos fazer nossas

pesquisas. As novas tecnologias de comunicação e seus aplicativos promovem isso, por meio das interações pessoais e dos algoritmos, trazendo imagens, lembranças, registros e possibilidades narrativas acerca de coisas que talvez esqueceríamos sem sua intervenção. Nesse sentido, cabe perguntar-nos o papel dos algoritmos e das novas tecnologias no excesso de informação que recebemos e compartilhamos e, também, acerca do quanto os aplicativos fazem o papel de incentivadores mnemônicos. Mas de quais memórias falamos?

Meu encontro com Halbwachs se deu no ano de 2001, quando cursei, como aluna visitante, uma disciplina ministrada pela professora Cornelia Eckert, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eu estava cursando meu doutorado na Universidade de São Paulo (USP), já havia conquistado todos os créditos necessários e estava fazendo campo com descendentes de migrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul. Aliás, eu já fazia pesquisa entre e com os descendentes de imigrantes italianos na região desde 1996. Ou seja, tinha muito material de pesquisa já em mãos, mas algo não me permitia costurar analiticamente o que eu vislumbrava. Foi a compreensão acerca das memórias que me abriu caminhos inimagináveis para a análise de narrativas, documentos, objetos e outros materiais que eu havia já registrado em minha convivência com aquelas pessoas. Naquele momento, eu estava muito vizinha dos estudos étnicos e identitários, e quanto mais pesquisava os descendentes de imigrantes italianos, mais eu conhecia o passado da região. A italianidade, noção de pertencimento ao mundo italiano das origens e dos antepassados, só fazia sentido para aqueles interlocutores se fosse contada desde o processo migratório e colonizador, numa linha narrativa com tópicos que eu denominei, em minha tese, eixos narrativos (Zanini, 2006); ou seja, aqueles momentos que se transformaram em eventos (Sahlins, 1990), capazes de transformar sentidos postos e leituras acerca dos pertencimentos. A memória, que costurava pertencimentos e identificações, permitia uma linha de estabilidade narrativa com sentido, um vislumbre de um “nós. Assim, as identidades étnicas (Barth, 2000) traziam como sinais adscritivos também as narrativas acerca da travessia, da colonização, da II Guerra Mundial e outros momentos e aspectos presentes na historiografia da região central do Rio Grande do Sul. O vínculo entre identidades e memórias era algo visceral nas narrativas que eu tinha para analisar. E Halbwachs me deu chão para compreender esse processo. Ou melhor, chão, estofo e determinação para seguir. Agradeço imensamente a Halbwachs e a Chica (professora Cornélia) por esses encontros e essas possibilidades analíticas.

Inicio já me escusando também por considerar que tenho uma interpretação e uma leitura bastante flexível da obra de Halbwachs como um todo, o que faz com que, por vezes, não consiga encontrar em seus escritos alguns engessamentos que outros comentadores da Escola Sociológica Francesa apontam. Talvez isso se deva ao fato de que, quando recorri às ideias do autor e as estudei mais demoradamente, já estava em campo havia algum tempo, e foram suas argumentações que me permitiram melhor refletir sobre meu universo de pesquisa específico. Foi partindo desse encontro com o meu universo empírico de pesquisa que o autor se revelou uma fonte de inspiração inesgotável e me possibilitou novos recortes epistemológicos, novos olhares sobre as narrativas que eu já havia registrado e também uma

base teórica para que eu pudesse, minimamente, compreender e refletir acerca do que estava se passando em meu campo etnográfico, naquele momento.

Do que falavam os descendentes de imigrantes italianos da região central do Rio Grande do Sul? Embora eu buscassem narrativas de pertencimento identitário étnico, foram a força evocativa do passado e as ricas construções sobre ele que me impressionaram na etnografia. Ninguém se narrava sem invocar os que haviam vindo antes, os ancestrais. Nesse sentido, foi também reveladora a ideia de que grupos étnicos são aqueles que partilham a crença numa origem comum, como aponta Weber (1994). Essa crença, valorizada por símbolos e narrativas compartilhadas, tornava-se coesão política, na criação e na manutenção de uma comunidade imaginada (Anderson, 1983), de italianos da Quarta Colônia. Tal denominação se deve ao fato de que, na historiografia do Rio Grande do Sul, a Colônia Silveira Martins foi a quarta em ordem de consolidação. Os primeiros italianos colonizadores chegaram na região entre os anos de 1877 e 1878. Na região serrana do estado, isso se deu em 1875.

Compreender não somente o processo de construção de tais leituras do passado era algo intrigante para mim, bem como observar que elementos (sinais diacríticos) os indivíduos elegiam como pertencentes àquele universo do mundo de origem. Por que elegiam determinados elementos simbólicos, históricos, e não outros?

Outro aspecto fantástico que se desvelou ao longo de minha pesquisa foi a importância que observei existir nos objetos<sup>1</sup> e “espaços” como inspiradores e evocadores de memórias coletivas. Esse caminho epistemológico, posso dizer, foi-me assegurado por Halbwachs. Além disso, na obra *A memória coletiva*, ele já alertava acerca dos múltiplos pertencimentos coletivos aos quais os indivíduos estão submetidos simultaneamente e como se deve estar atento a essas construções de referência<sup>2</sup>. Nesse sentido, pertencer significava também respeitar e compartilhar coerções, coesões e tensões. O respeito à família como instituição primordial, à religiosidade católica, ao trabalho como valor foram alguns dos elementos importantes, narrados à exaustão pelos descendentes. O apego à terra, às comidas, aos santos e outros também apareciam recorrentemente e faziam parte de um tributo aos ancestrais, a uma honra em se reconhecer e ser reconhecido por, idealmente, considerar determinados valores.

Numa das passagens que considero das mais marcantes na obra *A memória coletiva*, Halbwachs afirma que, de fato, “nunca estamos sós” (1990, p.26). Diz ele: “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre

<sup>1</sup> Sobre os objetos, Halbwachs alerta que “cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembra-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos” (1990, p.132).

<sup>2</sup> Diz ele: “Mas, observamos, cada homem está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Cada grupo, aliás, se divide e se restringe no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância senão para elas, mas que interessam tanto mais que seus membros, que são pouco numéricos” (ibidem, p. 80).

conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem" (ibidem, p.26)<sup>3</sup>. Dentro de nós há multidões, vozes e pertencimentos. Para o autor, embora possamos pensar em acontecimentos que nos pareçam individuais, estes somente adquirem sentido e significado porque são, antes e originariamente, coletivos; porque nos permitem ser e estar em algum lugar socialmente válido e legitimado. Além disso, ressalta ele, quando formamos uma determinada paisagem mental acerca de nossas experiências passadas, de fato, há muitas vozes dentro de nós que se somam na construção discursiva acerca de coisas, pessoas, objetos e lugares aos quais estamos nos referindo. E essa é a grande elaboração que o autor faz acerca das construções das memórias e das representações coletivas que atravessam os indivíduos<sup>4</sup>. Somos a soma de tudo o que vivemos, ouvimos, partilhamos, experenciamos e fomos capazes de processar enquanto seres sociais. Afinal, de fato, nunca estamos sós! Cabe aos pesquisadores encontrar e compreender quais são os atravessamentos de nossos interlocutores.

Neste artigo, enfatizarei a questão da memória por entender que, para os estudos das identidades étnicas (e das identidades em geral), os processos de construções das memórias tornam-se ferramentas extremamente importantes para o pesquisador, pois permitem melhor conhecer e compreender a produção, a circulação e o consumo de sentidos coletivos. Quem somos? De onde viemos? Como queremos ser reconhecidos? Por quem? Para quem? Como devemos educar as gerações sucessivas? O que é importante reproduzir enquanto grupo? Mais do que isso, para Halbwachs, as memórias permitem a existência de uma comunidade afetiva que possibilita a partilha e a produção de sentidos coletivos sobre as construções do passado<sup>5</sup>. Nessas comunidades afetivas, há variações acerca do que, como e por que lembramos. Afinal, como já ressaltado, quem lembra é o indivíduo. Para um o sabor, para outro um cheiro, um perfume, para outro uma cena, uma textura, um som, um tom de voz, uma comida, uma pessoa, um vínculo. Enfim, se lembramos todos de coisas similares, em nós a memória mantém-se acesa por questões diversas. E essa infinidade de possibilidades é que torna os estudos de memória algo tão fascinante. No mesmo, sempre o diverso, o particular.

Parei aqui. O autor, em passagem da obra *A memória coletiva*, faz questão de ressaltar a distinção entre sua concepção de passado (e tempo) e aquela de Henri Bergson (1859-1941), com quem dialoga em muitas de suas construções teóricas, mesmo que implicitamente. Foi

<sup>3</sup> Noutra passagem, ressalta: "É por isto que, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo 'esteve só', segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade" (ibidem, p. 36).

<sup>4</sup> Aponta que: "Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles" (Halbwachs, 1990, p.27).

<sup>5</sup> Ressalta Halbwachs: "Trazemos conosco, com efeito, sentimentos e ideias que tinham sua origem em outros grupos, reais ou imaginários: é com outras pessoas que nos entretenímos interiormente, percorrendo esse país nós o povoamos, em pensamentos, com outros seres: tal lugar, tal circunstância tomavam então a nossos olhos um valor que não podiam ter para aqueles que nos acompanhavam" (ibidem, p.33-34).

Bergson, como professor, quem despertou em Halbwachs o interesse pelo estudo da memória. Halbwachs diz que, para Bergson, o passado permaneceria inteiramente dentro de nossa memória, mas, para ele, o passado não permaneceria em alguma “galeria subterrânea” de nosso cérebro, e sim na sociedade, “onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado” (1990, p.77). Esse processo de rever o passado seria incompleto e parcial e estaria sempre no diálogo com os coletivos mais amplos, as memórias de outras pessoas e outros atravessamentos. Enfim, o papel da subjetividade no processo de construções sobre o passado é mediado pela sociedade e não simplesmente pelas subjetividades individuais, pela capacidade de lembrar. Mesmo porque, em seu encontro teórico com a Escola Sociológica Francesa, e especialmente com as ideias de Émile Durkheim (1858-1917), a subjetividade passaria pelo crivo das construções coletivamente aceitas e possíveis, seja epistemologicamente, seja por meio das instituições sociais, de seus valores e de suas práticas. Para Halbwachs:

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso “passado com o seu”. (1990, p.28)

Acerca da trajetória de vida de Maurice Halbwachs, há material disponível que fornece alguns elementos básicos para compreender o caminho de suas reflexões: aluno de Henri Bergson e depois seguidor das ideias de Émile Durkheim, desenvolve um trânsito teórico complexo e delicado entre indivíduo e sociedade. Sem se desvincilar da tradição da Escola Sociológica Francesa, aponta para sutis dinâmicas entre indivíduo e sociedade em seus estudos sobre memórias. Essa sua forma mais peculiar de conceber os trânsitos entre o social e o individual fez com que quisesse lembrar e escrever sobre o episódio de sua campanha para ingressar no *Collège de France* (Halbwachs, 2001). Aliás, ocupou tal posto por pouco tempo, pois, sendo de origem judaica, foi morto durante a II Guerra Mundial, tendo sido deportado para a Alemanha, onde permaneceu até a morte num campo de concentração, realizando trabalhos forçados. Mesmo em sua breve estadia no *Collège de France*, a fecundidade de suas ideias alçou voos para além da Sociologia, sendo muito utilizadas nos estudos sobre memória das áreas da Psicologia, da História, da Literatura e outras. Tornou-se um clássico.

### Transitando entre o todo e as partes

Para Halbwachs, o sujeito somente existe quando se constrói em (ou nos) quadros sociais, que são pontos de referências sociais coletivos de passagem de tempo e de sua institucionalização – não se resumindo a datas, nomes e fórmulas, mas a correntes de

pensamento e de experiência (1990, p.66). Um dos argumentos mais marcantes da obra *A memória coletiva* é o de desconstruir a noção de que a memória poderia ser uma “faculdade propriamente individual”, isolada e, de certa forma, autônoma. A socialização é algo fundamental, pois é ela que permitirá ao indivíduo a partilha de sentido e também de enquadramento. Isso não quer dizer que não haveria um momento em que um trabalho individualizado sobre as representações não entraria em ação; esse momento existe na concepção teórica de Halbwachs, que por vezes o denomina “intuição sensível” (1990, p.37)<sup>6</sup>. Para o autor, ressaltar a importância dos aspectos coletivos na construção das representações seria importante, pois “Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo” (1990, p.47). Segundo ele, em cada época haveria uma estreita ligação entre os hábitos, o espírito de um grupo e os aspectos dos lugares onde vivem (ibidem, p.69) – ou seja, tempo, espaço e relações sociais em comunicação<sup>7</sup>. A produção das memórias favoreceria a noção de uma totalidade e de uma estabilidade ao longo do tempo que permitiria a um coletivo se sentir mais homogêneo, de certa forma. Para ele:

A memória coletiva, ao contrário [da história]<sup>8</sup>, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros. Uma vez que o grupo é sempre o mesmo, é preciso que as mudanças sejam aparentes: as mudanças, isto é, os acontecimentos que se produziram dentro do grupo, se resolvem elas mesmas em similitudes, já que parecem ter como papel desenvolver sob diversos aspectos um conteúdo idêntico, quer dizer, os diversos traços fundamentais do próprio grupo. (Halbwachs, 1990, p.88)

Halbwachs remete ao cuidado nas experiências da vida cotidiana ao fazer a ponte entre o indivíduo e o coletivo. E é na vida diária – nos encontros entre os homens e seus mundos sociais, espaços e tempos – que esta relação se daria, na qual a sociedade, como

<sup>6</sup> Para o autor, “Haveria, então, na base de toda a lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram tantos outros elementos do pensamento social – admitiremos a que se chame isso de intuição sensível” (1990, p.37).

<sup>7</sup> Acerca do tempo como representação coletiva, Halbwachs recorre a Durkheim, afirmando: “Durkheim não deixou de observar que um indivíduo isolado poderia, a rigor, ignorar o tempo que se esvai, e se achar incapaz de medir a duração, mas que a vida em sociedade implica que todos os homens se ajustem aos tempos e às durações, e conheçam bem as convenções das quais são o objeto. É por isso que existe uma representação coletiva do tempo; ela se harmoniza sem dúvida com os grandes fatos da astronomia e da física terrestre, porém a estes quadros gerais, a sociedade sobrepõe outros que se ajustam sobretudo às condições e grupos humanos concretos. Pode-se mesmo dizer: as datas e as divisões astronômicas do tempo estão encobertas pelas divisões sociais de tal maneira que elas desaparecem progressivamente e que a natureza deixa cada vez mais à sociedade o encargo de organizar a duração” (1990, p.90).

<sup>8</sup> Inserção minha.

construtora das representações coletivas, sobrepor-se-ia. Tanto a concepção de sua própria existência por meio das construções das memórias (que seriam sociais e coletivas), bem como seu lugar no tempo e no espaço, como sujeito coletivo. De um tempo que, segundo ele, não se escoa, mas que dura e que permite a sensação de que o grupo também poderia ter esta duração. Essa duração é, contudo, uma condição social possibilitada pelo coletivo; fora disso, talvez fosse somente uma possibilidade. Sobre o espaço, é importante ressaltar sua importância na construção das memórias, especialmente na territorialização deste. Na região central do Rio Grande do Sul, podemos pensar nos capiteis, nas capelas, nas igrejas, nas casas de pedra, nas hortas e nos jardins, entre outras formas de marcar o território simbolicamente (Zanini, 2009b). Como ressalta Halbwachs, não haveria memória coletiva que não se desenvolveria num “quadro espacial”. Assim, as paisagens, marcadas pelo social, possibilitam memórias também.

### Memória, memórias, coletivos e suas escalas

Duvignaud (1990, p.15), no prefácio da obra *A memória coletiva*, ressalta que, para Halbwachs, esta não poderia ser considerada o alicerce da consciência, mas somente uma de suas direções, uma perspectiva possível que racionalizaria o espírito. Para Halbwachs, a consciência individual seria “apenas” o lugar de passagem e de encontro dos tempos coletivos (1990, p.128)<sup>9</sup> – ou seja, um caminho para a sociedade, talvez, para a vida social com sentido. Nessa passagem, pode-se compreender sua adesão à Escola Sociológica Francesa e às ideias de Durkheim.

Contudo, para que os acontecimentos do passado se tornem elementos de memória, necessitam ser ritualizados, partilhados, reavivados, de modo que o sentimento coletivo que nelas habita possa estar circulando socialmente. E é isso que a mantém viva e com força coercitiva de sentido. Como ressalta Halbwachs: “No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo” (ibidem, p.51). Ou seja, os vínculos de sentido das construções do passado retiram seu suporte do grupo. As memórias individuais seriam pontos de vista sobre as memórias coletivas. Nesse sentido, o autor abre espaço para as construções particularizadas, ressaltando, todavia, que, ao final, desembocaremos novamente em combinações de influências que são de “natureza social” (ibidem, p.51). Por mais que a forma narrativa possa escolher caminhos próprios, de certa forma, esta buscará sempre fazer sentido para o(s) outro(s), uma vez que os recursos que usa para se expressar são coletivos, tais como as palavras e as ideias, diz ele. Tais mudanças de nuances individuais se explicariam pelas mudanças que se produziriam nas relações dos homens com os “diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em seu conjunto” (ibidem, p.51). Para o autor, as memórias coletivas envolvem as

<sup>9</sup> Para ele, “Tudo parece, com efeito, passar-se como se, no interior de cada um de nós, nossos estados de consciências se sucedessem como as partes de uma corrente contínua, como ondas que se empurram umas às outras” (1990, p.129).

memórias individuais, porém com elas não se confundem, pois a memória coletiva “evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (ibidem, p.53-54). Assim, quando alguns de meus entrevistados falavam de suas famílias específicas e de seus membros, falavam também da grande imigração italiana para a região central do Rio Grande do Sul, dos italianos em geral.

Halbwachs ressalta que, não raras vezes, para termos acesso às nossas próprias memórias, temos que apelar às lembranças dos outros. Nas palavras do autor:

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, em cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. (1990, p.60)

Importante apontar que, para que algo fique gravado como realmente importante, deve também ser narrado e passado por alguém que nos seja caro socialmente (ou afetivamente)<sup>10</sup>. Esse apreço às relações sociais entre rememorador e ouvinte é ressaltado principalmente acerca das memórias compartilhadas entre jovens e idosos:

Em todo o caso, geralmente é na medida em que a presença de um parente idoso está de algum modo impressa em tudo aquilo que nos revelou de um período e de uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas como o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa. (1990, p.66)

A afetividade que atravessa o lembrado é algo presente na obra do autor como um todo. Contudo, há que se pensar que, para ele, as emoções e os sentimentos são construções sociais, não necessariamente individuais. Eles partem do coletivo e são acionados nos indivíduos por forças sociais exteriores a eles, que os atravessam<sup>11</sup>. Assim, o que ele denomina quadros coletivos de memória não são somente datas, nomes e fórmulas, mas, principalmente, correntes de pensamento e de experiência nas quais “reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (ibidem, p.66). Esse atravessamento é algo que comprehendo ser muito caro para os antropólogos, pois é por meio destas teias de sentido que se pode melhor compreender os grupos que estudamos e quais elementos são selecionados para narrar a si mesmo e elaborar suas construções de pertencimento e de coletividade.

<sup>10</sup> Noutra passagem, aponta Halbwachs: “Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios” (1990, p.49).

<sup>11</sup> Ressalta Halbwachs: “De qualquer maneira, na medida que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam desaperccebidas” (1990, p.47).

Para Halbwachs, o tempo social seria inteiramente exterior às durações vividas pelas consciências, mas as atravessaria. A seguinte passagem da obra do autor serviu-me de ponto de partida para analisar narrativas de descendentes de imigrantes italianos:

À medida que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los em conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa. (ibidem, p.72)

O que está acima exposto, especialmente para o antropólogo, é um elemento extremamente rico para que nos tornemos mais “vigilantes” quanto às construções que nossos interlocutores nos fornecem sobre seus universos específicos. Conhecer o processo de construção de memórias, no meu caso específico, tornou-me mais crítica e alerta acerca dos pontos de vistas discursivos, das construções sobre o passado, olhando para os indivíduos no presente. Quem era o narrador? – pensando-se aqui na riqueza que pode ser observada nos narradores, conforme salienta Walter Benjamin (1984). Por que me narrava de tal forma? Observar as literaturas circulantes, as mídias, os poderes, os agentes culturais e outras dinâmicas presentes naquele contexto me possibilitou, inclusive, reconhecer a procedência de algumas narrativas, consideradas mais legítimas e autorizadas pelos descendentes de italianos da região central do Rio Grande do Sul (Zanini, 2006). Esse poder e essa legitimidade de narrar o processo colonizador, entretanto, não subtrai a importância de como as histórias pessoais e familiares me eram narradas. Muita vigilância ao narrado e ouvidos atentos às sutilezas que apareciam muito singularmente nas narrativas: os nascimentos, as mortes, os acontecimentos familiares, os casamentos e outros momentos que, mesmo coletivos, haviam passado pela experiência vivida e transmitida entre gerações (Pollak, 1989). Estavam vivos e viviam porque eram lembrados e narrados. E eu também estava atenta ao espaço em que me eram narrados, se nas casas, nos locais públicos, nas associações italianas, ou ainda se faziam uso de recursos mnemônicos, como objetos, fotografias, documentos e tantas outras possibilidades que conheci e reconheci durante a pesquisa.

### **Dialogando com a empiria e a teoria, fazendo etnografias**

Uma das maiores contribuições que vislumbro na obra de Halbwachs – enquanto pesquisadora que se realiza com a prática etnográfica – são as reflexões que o autor elabora acerca das construções do e sobre o passado. Quanta possibilidade observei em minhas pesquisas! Para ele, mesmo as autobiografias precisam ser pensadas enquanto fazendo sentido de uma “história” coletiva mais ampla. Esse cruzamento entre individualidades e coletividades permite que se possa tanto conhecer o todo pela parte, quanto a parte pela expressão que o todo nela ocupa. Quando se pesquisam, dentro do mesmo grupo, diferentes segmentos, tais aspectos se tornam muito enriquecedores, pois nos alertam que, numa mesma coletividade, pode haver diferentes maneiras de se reportar acerca de acontecimentos coletivos mais amplos. Enfim, não haveria uma recepção de mensagens sociais em absoluto,

mas sim uma construção atravessada na partilha entre eus, outros e relações sociais e poderes específicos. Pode-se pensar, por exemplo, nas memórias diferenciadas por geração ou por questões de classe, como observei em minha pesquisa. Tendo o mesmo antepassado pioneiro que veio para o Brasil, as narrativas acerca daquele variavam de acordo com a situação atual do descendente narrador (Zanini, 2006), ou por questões geracionais.

Enfim, observar esses movimentos narrativos é muito gratificante, pois nos alerta acerca do que, naquele momento, faz sentido para os narradores. Assim, ressaltar a pobreza do pioneiro emigrado e sua ascensão econômica pode fazer sentido para um descendente; para outro, o que faz sentido é a religiosidade, a capacidade de trabalho e outras questões morais ou de outra natureza – isto é, os narradores têm a possibilidade de rememorar conforme suas próprias capacidades e interesses narrativos. Trata-se, portanto, de possibilidades, algo que, no nível das interações sociais, deve ser observado pelo pesquisador sem romantizações, ou seja, com algum pragmatismo.

A leitura que Halbwachs traz acerca da história enquanto um cemitério, em que a cada momento se deveria achar lugar para novas sepulturas (1990, p.55), permite que se procure entender como aquele grupo processou, por vezes, acontecimentos coletivos mais amplos (inclusive internacionais, nacionais ou regionais) em suas memórias. Em minha pesquisa, pude entender que a história somente faz sentido quando “atravessa” os indivíduos e permite que eles elaborem narrativas com sentido e com partilha por entre gerações. Sem esse atravessamento, não há como fatos, acontecimentos e pessoas permanecerem gravadas como algo importante de ser lembrado e acionado como parte (ou não) da identidade grupal. Nesse processo, deparei-me em campo com a vida mnemônica existente em determinados objetos (tais como móveis, utensílios domésticos, fotografias, roupas, receitas, documentos) e a necessidade de o antropólogo estar atento a seu poder construções de releituras sobre o passado, sobre famílias, grupos e coletivos mais amplos. Nas palavras de Halbwachs, “mas se pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens” (1990, p.136). Enfim, o antropólogo deveria questionar quais sentidos residem nas “coisas do passado”, como nos aponta o importante trabalho de Ecléa Bosi (1999) sobre as memórias e como as pessoas processam o vivido.

Grande parte dos detalhes acerca do que poderia ser relevante (ou não) no processo de construção de memórias que eu observava entre descendentes de imigrantes italianos me foi possibilitado pela construção teórica de Halbwachs e pela empatia que tive com ela. Outro dado empírico importante de ser cruzado com sua teoria foi por mim observado na interpretação que fazia do processo migratório e do papel de uma construção de memória de origem numa comunidade que havia passado por um processo de ruptura tão grande, especialmente devido aos acontecimentos da II Guerra Mundial, quando a Itália e o Brasil estavam em lados opostos do combate. Observei, então, que as construções de memórias e as construções de estabilidades e de uma trajetória de continuidade se davam cruzando pessoas, objetos, acontecimentos, lugares e um sem-número de outros atravessamentos, como foi, por exemplo, a exibição da novela *Terra Nostra*, transmitida pela Rede Globo em 1999 e que contava a saga de imigrantes italianos vindos para o Brasil em finais do século

XIX. Essa novela também interferiu nas construções de memórias dos descendentes de imigrantes italianos e foi algo muito rico em minha pesquisa etnográfica<sup>12</sup>.

A história vivida e lembrada pelas pessoas, para Halbwachs, deve ser compreendida como algo vivo socialmente. E esse sentido de vida social pode ser interpretado como “com sentido”. Não há um questionamento na obra do autor acerca das produções de sentido, nem de suas imposições ou não. Halbwachs parte do fato dado e não de sua gênese. Esta, talvez, poderia ser uma das maiores ausências em seu trabalho. E isto, com certeza, é um estímulo para nós, pesquisadores.

### Finalizando...

Compreendo que Halbwachs deve ser interpretado como autor de seu tempo, mas também alguém que já apontava elementos que a sociologia de seu tempo ainda não abrangia, como os detalhes acerca da dinâmica indivíduo/sociedade e da riqueza de elementos que estão presentes nesse embate. Observar tais delicadezas em seus escritos é um exercício muito rico, principalmente pensando que ele está na Escola Sociológica Francesa e que muitas das ideias e inquietações de Marcel Mauss (1872-1950), que hoje desvendamos aos poucos, estavam também nos escritos de Halbwachs. Se a sociedade imprime no indivíduo sua marca, importa também observar como isso se processa.

Por meio do estudo das memórias coletivas, o autor aponta para a complexidade que está encoberta nas representações coletivas presentes nas elaborações acerca de nosso passado – passado este que é elaborado por meio de instrumentos de sentido coletivos do mundo presente, no qual está inserido enquanto membro. Ou seja, o passado é sempre uma interpretação possibilitada pelos agenciamentos de sentido do presente. A história, segundo ele, poderia ser um cemitério de nomes e sepulturas, mas não a memória coletiva. Para que esta exista, necessita ser partilhada, ritualizada, revivida constantemente. Quem dará o tom desse chamamento é a sociedade. Na obra de Halbwachs, não há um questionamento acerca das relações de poder presentes na sociedade e nos agenciamentos das construções de memórias, mas entendo que algumas de suas considerações já possibilissem leituras posteriores mais críticas acerca dessas construções.

Trata-se de um autor apaixonante, que tem uma escrita ainda pouco valorizada pelas Ciências Sociais brasileira. Este artigo, de certa forma, foi uma tentativa de convidar outros estudiosos à leitura de Halbwachs e a também, como eu, ter mais sensibilidades para com algumas questões presentes nas narrativas, nas construções identitárias e nas tensões contínuas entre individual e coletivo. Como professora, posso afirmar que a leitura e as ideias de Halbwachs são sempre frutíferas, inspiradoras e capazes de possibilitar aos alunos que enxerguem questões e objetos de pesquisa onde antes não percebiam. É necessário, contudo, ao pesquisador, estar sempre atento às escalas do pesquisado. De qual forma podemos

<sup>12</sup> Desta experiência etnográfica resultou artigo denominado, “Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel das mídias nas construções identitárias étnicas” (Zanini, 2005).

analisar nossos resultados de pesquisa em relação a universos mais ou menos amplos? No estudo das memórias, cabe ressaltar que elas fazem sentido num espaço e tempo particulares.

Desta forma, valorizar um autor como Maurice Halbwachs e trazer à tona o contexto no qual produziu seus estudos, é também ressaltar a importância de estarmos atentos à historiografia de nossas disciplinas, seus dilemas epistemológicos, teóricos e de escalas de análise. Se Halbwachs pode ser o recurso que foi em meus estudos, foi devido a uma professora ciente da importância de conhecermos suas ideias, pois, do ponto de vista de uma teoria social mais ampla, Halbwachs finda por ser esquecido, negligenciado ou preterido. Este artigo foi, de certa forma, um tributo a esse importante pensador e uma forma de incentivar os alunos para que desenvolvam exercícios interpretativos e diálogos profundos entre teoria e pesquisa empírica. Afinal, o tempo não para!

## Referências

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. London: Verso, 1983.
- BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 25-67.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: BENJAMIN, Walter. *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1980. p. 57-74.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 7<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 9-17.
- HALBWACHS, Maurice. A classe média. In: IANNI, Octavio. *Teorias de estratificação social*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978. p. 347-362.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. Minha campanha para o Collège de France. *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 40, p. 25-56, 2001.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*, v. 1. 3<sup>a</sup>. ed. Brasília: EdUNB, 1994.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Assistir, ler, ouvir e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 699-731, 2005.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional*: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. 1<sup>a</sup>. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Maurice Halbwachs: memórias, indivíduos e seus coletivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 28-31 jul. 2009, *Anais...* Rio de Janeiro:

Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009a. Disponível em: [https://portal.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=205&Itemid=171](https://portal.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=205&Itemid=171). Acesso em: 15 fev.2024

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Pertencimento étnico e territorialidade: italianos na região central do Rio Grande do Sul (Brasil). *Redes*, v. 13, n. 3, p. 140-163, 3 jul. 2009b.

Recebido em: 23-06-2025

Modificado em: 03-08-2025

Aceito em: 19-10-2025

*Maria Catarina Chitolina Zanini*

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS).